

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNA HCE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA**

FERNANDA BECKER

**ATLETISMO UM ESPORTE DA ESCOLA NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

CRICIÚMA, JULHO DE 2012

FERNANDA BECKER

**ATLETISMO UM ESPORTE DA ESCOLA NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Licenciado em Educação Física na
Universidade do Extremo Sul Catarinense
– UNESC.

Orientador(a): Prof. Elisa Stradiotto-
(UNESC) - Mestra

CRICIÚMA, JULHO DE 2012

FERNANDA BECKER

**ATLETISMO UM ESPORTE DA ESCOLA NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado em Educação Física, no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física Escolar.

Criciúma, 05 de JULHO de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Elisa Fátima Stradiotto – Mestra – (UNESC) – Orientadora

Prof. Vitus Becker Neto – Especialista

Prof.^a Danielle Torri (UNESC)- Mestra

Dedico aos educandos e educadores, para que encontrem através das atividades esportivas, especialmente atividades relacionadas ao atletismo, mais qualidade de vida, bem estar social e porque não dizer a revelação de novas atividades, minimizando a exclusão social dos menos favorecidos.

AGRADECIMENTOS

Nada mais sábio que saber agradecer.

Agradecer pelo sol que nasce, pelo novo dia que começa.

Agradecer também pela saúde e pela vida.

Agradecer especialmente pela natureza e pelos bons amigos que temos.

Agradecer a Deus, amigo inseparável que recorro nos momentos mais difíceis.

A meus pais Sônia e Álvaro, pelo apoio e carinho necessário, em especial a minha querida mãe, todo meu amor, pela dedicação, compreensão, sempre me ajudando e incentivando nessa caminhada.

Ao meu irmão Anderson, pela preocupação e vontade de ajudar e, ainda, a meu namorado Roger, que esteve ao meu lado apoiando-me nessa jornada.

Agradecimentos também direcionados a minha orientadora Elisa, que me conduziu a finalizar este trabalho; bem como os demais mestres que, em algum momento, fizeram-se importantes.

Finalizo dizendo obrigada a todos os meus amigos que, de uma forma ou de outra, colaboraram e incentivaram na minha caminhada.

[...] a Educação Física passa a ter a função pedagógica de integrar e introduzir o aluno de [...] no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da Educação Física [...].

(Betti, 1992, p. 285)

RESUMO

Esse estudo tem como tema: Atletismo um Esporte da Escola nas Séries Finais do Ensino Fundamental. Este se justifica pelo fato da pesquisadora estar trabalhando na área do atletismo. Entendo que este esporte é de suma importância para o desenvolvimento e inclusão do estudante no espaço Escolar. Portanto, levantamos um problema: Como Desenvolver o atletismo como um esporte da Escola, nas Séries Finais do Ensino Fundamental? Estudamos como Esporte da Escola a Legitimidade de uma prática que não visa somente selecionar talentos, mas sim dar condições para que todos possam participar das aulas com suas potencialidades e também com suas limitações. O Objetivo Geral trata-se: Discutir o desenvolvimento do Atletismo junto aos adolescentes das Séries Finais do Ensino Fundamental como Esporte da Escola. A pesquisa se caracteriza como bibliográfica. A Fundamentação Teórica esta subsidiada em vários autores entre eles: Bompa (2002), Moreira (2004), Caparroz (2007), Kunz (1996), Tiba (2002). Nessa linha de entendimento, percebemos que o atletismo é um esporte que envolve política, cultura e costumes. Concluímos afirmando que o papel do Professor de Educação Física é fundamental no desenvolvimento de uma proposta pedagógica em relação ao atletismo nas séries finais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Atletismo. Adolescentes. Inclusão Social. Educação Física.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 HISTÓRICO DO ATLETISMO	10
2.2 O ATLETISMO NO BRASIL	11
2.3 PROVAS DO ATLETISMO	12
2.4 CAPACIDADES MOTORAS BÁSICAS.....	13
3 EDUCAÇÃO FÍSICA	16
3.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	16
3.2 ABORDAGENS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	19
3.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO FUNDAMENTAL	22
4 O DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE	25
4.2 A INCLUSÃO E A EXCLUSÃO	28
5 O ATLETISMO E A CONCEPÇÃO CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Entendemos que o atletismo é um elemento cultural, em especial um conteúdo clássico da Educação Física, quando se depara com inúmeras possibilidades de ensiná-lo. Utilizando locais diversos, materiais adaptados e jogos pré-desportivos pode garantir o interesse das crianças e suas possibilidades de sua realização permitindo, como deveria ser, o seu ensino, conhecimento e difusão no âmbito escolar. Constatamos que a falta de interesse e divulgação seja o retrato mais comum do atletismo no Brasil, em época de Jogos Olímpicos ou Pan-americanos este cenário certamente sofre modificações.

Pouco conhecido da população brasileira, o atletismo passa a divulgar nomes, provas, esforços físicos, conquistas e recordes, no que conta com o apoio dos meios de comunicação de massa, sobretudo da televisão, até mesmo em horários de grande audiência (MATTHIESEN, 2005).

Não seria demais reforçar a importância que o atletismo assume na formação da criança em qualquer faixa etária. Sem exigir materiais complexos, formados por regras fáceis e de aprendizagem rápida, o atletismo é composto por movimentos que motivam todos aqueles que o praticam, contudo, tratado muitas vezes como esporte de base para as demais modalidades, a especificidade do Atletismo é deixada em segundo plano, comprometendo o conhecimento mais amplo dessa modalidade esportiva.

O esporte abre portas para jovens de comunidades economicamente menos favorecidas, e estabelece conceitos de liderança, trabalho em equipe, cria elos sociais, disciplina e forma cidadãos comprometidos desde a infância. Nessa linha de pensamento, essa pesquisa aborda o tema: O Atletismo, um esporte da Escola na Séries Finais do Ensino Fundamental.

Nessa perspectiva, constatamos o problema: Como Desenvolver o Atletismo como um esporte da Escola, nas Séries Finais do Ensino Fundamental?

Esse estudo teve como Objetivo Geral:

- Discutir o desenvolvimento do Atletismo junto aos adolescentes das Séries Finais do Ensino Fundamental como um esporte da Escola.

Os Objetivos Específicos:

- Descrever como o Atletismo da escola proporciona a inclusão dos estudantes no espaço escolar.

- Constatar a possibilidade de trabalhar o Atletismo como uma concepção crítico-emancipatória nas Séries Finais do Ensino Fundamental.

Para alcançar os objetivos propostos, essa pesquisa constitui-se como um estudo bibliográfico, que conforme Silva (2001), permite obter referenciais teóricos para a construção da pesquisa através de materiais publicados em livros, revistas, redes eletrônicas e materiais científicos acessíveis ao público em geral.

A Fundamentação teórica ficou assim organizada;

O 1º capítulo é este que se apresenta como introdutório.

No 2º capítulo: Histórico do Atletismo. O Atletismo no Brasil. Provas de Atletismo. Capacidades Motoras Básicas.

No 3º capítulo: Educação Física. A Educação Física Escolar. Abordagem Pedagógicas na Educação Física. Educação Física e o Ensino Fundamental.

No 4º capítulo: O Desenvolvimento do Adolescente. A Inclusão e a Exclusão.

No 5º capítulo: O Atletismo e a Concepção Crítico-Emancipatório.

O último capítulo apresenta as considerações finais sobre a pesquisa. Seguido de Referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRICO DO ATLETISMO

O atletismo tem sua história considerada tão antiga quanto a própria origem do homem, pois constatamos que é uma modalidade que se desenvolveu através de algumas capacidades do homem. Na Grécia antiga o atletismo surgiu proporcionando o aparecimento dos antigos Jogos Olímpicos. Descrever a origem do “esporte rei” é fundi-las com as origens do ser humano pois correr, saltar, arremessar, marchar, ou até mesmo realizar estes movimentos simultaneamente, são aptidões do homem desde os tempos das cavernas (COLLI, 2004).

Da primeira edição em 776 a.C. até a 13ª edição subsequente, os jogos Olímpicos eram realizados contendo apenas uma única prova de Atletismo denominada “Dreom” (por seu sentido religioso), ou “Estádio”, com 192,27 metros de extensão. Existem duas versões sobre estas medidas. A primeira é a de que Herácles a estabeleceu depois de percorrê-la de um fôlego só. A segunda, na qual Herácles definiu a distância a ser corrida por seu irmão, deveria ser de 60 vezes o tamanho de seu pé. Corebus de Elis tornou-se o primeiro vencedor Olímpico conhecido (COLLI, 2004).

A partir da 14ª edição foram incluídas as seguintes provas: “Diaulo” ou “Duplo Estádio” sendo Hypnos de Pisa o primeiro vencedor. Na 15ª edição foi introduzido o “Dólicom”, os historiadores divergem quanto à distância da prova, pois alguns a limitam entre 7 e 24 vezes a medida do estádio, e outros asseguram uma distância de 24 estádios. Sendo o vencedor Akhantos de Esparta (COLLI, 2004).

Finalmente, em 708 a.C. foi criado o Pentatlo que teve como vencedor Lampis de Esparta. Até essa época as provas de Corrida eram as celebrações máximas, o que foi modificado pela introdução da nova prova que reunia um conjunto de cinco disciplinas: Lançamento de Disco, Salto em Extensão, Lançamento de Dardo, Corrida de Velocidade e Luta (COLLI, 2004). No ressurgimento dos jogos Olímpicos o Barão de Coubertin destacou a importância do Atletismo: “É possível realizar uma Olimpíada só com provas de Atletismo, porém é impossível com todos os outros esportes, sem o atletismo” (COLLI, 2004). A Federação Internacional de Atletismo Amador, (IAAF), que rege as competições e as normas do Atletismo, foi fundada em 1912 na cidade sueca de Estocolmo,

publicando sua primeira relação dos 53 recordistas mundiais masculino no ano de 1914 e realizando o primeiro campeonato mundial de 7 a 14 de agosto de 1983, na cidade de Helsinque, Finlândia (COLLI, 2004).

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que se filiou a IAAF em 1918, foi fundada em 1914 e passou a comandar quase todos os esportes em nosso país, incluindo o atletismo. Os primeiros eventos de atletismo no Brasil ocorreram em 1918 por iniciativa do jornal “O estado de São Paulo” (Colli, 2004). A prática quase natural do atletismo proporciona aos países ricos e pobres participação internacional de destaque, como, por exemplo, Estados Unidos e Quênia. É também considerado o mais conhecido dos esportes Olímpicos, pois atletas de 24 diferentes nacionalidades no masculino e 22 no feminino já conquistaram medalhas de ouro.

2.2 O ATLETISMO NO BRASIL

O atletismo foi implantado no Brasil no final do século XIX, trazido por imigrantes europeus. O esporte era restrito às elites paulistanas, que promoveram as primeiras competições em 1914. A competição que popularizou o atletismo no Brasil foi o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, realizado no ano de 1929 e organizado pela Confederação Brasileira de Desporto (CBD) e tendo sua última competição no ano de 1985. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – CBAT, 2003).

O atletismo antes mesmo de se tornar popular no Brasil representou o país em sua primeira Olimpíada na cidade de Paris, levando uma equipe de oito atletas, para representar o país. Porém, esta equipe só conquistou sua primeira medalha em Olimpíadas no ano de 1952, em Helsin, que, com o salto triplo, onde Adhemar Ferreira da Silva conquistou seu primeiro Ouro, quebrando três records consecutivos. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO - CBAT 2003).

O atletismo já foi considerado o esporte com o maior número de medalhas conquistadas em Jogos Olímpicos e em Jogos Pan-Americanos. O Brasil é responsável pela conquista de um total de doze medalhas olímpicas sendo elas: três de ouro, três de prata e seis de bronze. Mas, nos Jogos Pan Americano, o número de medalhas é mais expressivo, pois o mesmo conquistou um total de noventa e oito medalhas sendo elas: trinta e duas de ouro, vinte e nove de prata e trinta e sete de bronze. No Brasil, quem controla o atletismo é a Confederação Brasileira de

Atletismo (CBAT), sendo esta responsável por pelo menos uma dezena de competições, todas de caráter nacional, e em todas as categorias. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – (CBAT 2003).

2.3 PROVAS DO ATLETISMO

O atletismo, hoje em dia, é formado por provas de pistas (Corridas rasas, corridas de revezamentos, corridas com barreiras e corridas com obstáculos). É composto também por provas de campo que são compostas por saltos, arremessos e lançamentos. Sendo que, dentro desta modalidade há também as provas combinadas como o decatlo e heptatlo (que englobam provas de pistas e de campo), o pedestrianismo (corridas de rua), corrida de campo (Cross Country), corridas em montanhas e marchas atléticas. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO CBAT 2003).

Atualmente as provas oficiais são:

- Masculino:

Corrida de Velocidade: 100m, 200m, 400m e 800m rasos; Corrida de Meio Fundo: Corrida de Fundo: 5.000, 10.000m rasos, e Maratona. Corrida de Revezamento: 4x100m e 4x400m; Corrida com Obstáculo: 3.000m; Corrida com Barreiras: 110m e 400m; Marcha atlética: 20.000m; e 50.000m; Saltos: Salto em distância, salto triplo, salto em altura e salto com vara; Arremessos: Arremesso de peso; Lançamentos: Lançamento de dardo, lançamento de disco e lançamento do Martelo. Provas Combinadas: Decatlo (é uma prova olímpica exclusivamente masculina com dez provas, sendo elas: 100m, 400m, 1.500m rasos, 110m com barreira, salto em distância, salto em altura, salto com vara, arremesso de peso, lançamento de disco e lançamento do dardo).

- Feminino:

Corridas de Velocidades: 100m, 200m e 400m e 800m; Corridas de Fundo: 3.000m e 10.000m; Corridas com Barreiras : 100m e 400m; Corridas com obstáculo: 3.000m; Corridas de Revezamento: 4x100m e 4x400m; Marcha atlética: 20.000m; Saltos: salto em altura, salto com vara, salto em distância e salto triplo; Arremessos: Arremesso de peso; Lançamentos: Lançamento de dardo, Lançamento

de disco e Lançamento de martelo;

Provas Combinadas: Heptatlo/Pentatlo (é uma modalidade olímpica, exclusivamente feminina, com sete provas, sendo elas: 100m, 200m, 800m rasos, salto em distância, salto em altura, arremesso de peso e lançamento do dardo). Para melhor compreender o Atletismo e suas provas é necessário um entendimento da Capacidades Motoras Básicas que são capacidades básicas para o desenvolvimento do Atletismo.

2.4 CAPACIDADES MOTORAS BÁSICAS.

Força, velocidade, resistência, coordenação e flexibilidade são as cinco capacidades motoras básicas. Em seguida aborda-se cada uma delas em detalhes, sendo que elas contêm elementos para o atletismo, como aula extracurricular para alunos do ensino médio.

- Força:

Segundo Barbanti (1986, p. 49), "Na teoria do treinamento, a força é entendida como um pressuposto para o rendimento que permite superar ou se opor a uma resistência". Força é a capacidade de aplicar esforço contra uma resistência, assim melhorando o desempenho de várias habilidades esportivas. O treinamento de força para crianças é um assunto que desenvolve várias discussões, no passado acreditava-se que as crianças que desenvolvessem atividades com pesos poderiam desenvolver algum tipo de lesão ou até mesmo prejudicar o seu crescimento.

- Velocidade:

Velocidade, na visão de Bompa (2002), é importante para a maioria dos esportes porque grande parte dos atletas precisa correr, movimentar-se, reagir ou mudar se de direção rapidamente.

Sobre o aumento da velocidade Bompa (2002), afirma que a velocidade aumenta durante a puberdade. Embora os meninos apresentem melhoras nítidas ao final da puberdade, as meninas, todavia, atingem um platô de desenvolvimento da velocidade, pois alguns ganhos podem resultar na melhora da coordenação do sistema nervoso dos músculos envolvidos em ações rápidas.

Na definição de Barbanti (1986), a velocidade é a máxima rapidez de movimento que pode ser alcançada, ou seja: "Velocidade é a capacidade, com base na mobilidade dos processos do sistema nervo-músculo e da capacidade de desenvolvimento da força muscular, de completar ações motoras, sob determinadas condições, no menor tempo".

- Resistência:

Bompa (2002, p.171), relata que "resistência é a capacidade de sustentar atividade física durante longos períodos, é importante para modalidades esportivas com duração superior a um minuto".

A resistência da forma, na visão de (BARBANTI, 1986), "é capacidade de resistência dos músculos ou grupos musculares contra o cansaço com repetidas contrações dos músculos, quer dizer, com o trabalho de duração da força. Define a resistência de força com a capacidade de resistência a fadiga em condições de desempenho prolongado de força".

A resistência de Força pode ser Aeróbica e Anaeróbica:

- Resistência de Força Aeróbica: é capacidade dos músculos de resistir à fadiga na presença de suficiente provisão de oxigênio. Por exemplo nas corridas de longas distâncias.

- Resistência de Força Anaeróbica: é a capacidade dos músculos de resistir a fadiga na ausência de uma adequada provisão de oxigênio (com grande débito de oxigênio). Por exemplo nas corridas de 400 e 800 m.

Bompa (2002), relata que há dois tipos de resistência: aeróbica, onde as atividades são desempenhadas na presença de oxigênio; e anaeróbica, em que a atividade é rápida, dinâmica e de curta duração, de forma que o coração não tem tempo de bombear oxigênio para os músculos em atividades.

Thompson (1991), afirma que a resistência aeróbica ou anaeróbica pode ser melhorada com atividades físicas como: brincadeiras, jogos ou outros esportes relacionados com a resistência. Sendo assim, devemos organizar atividades de resistência agradáveis, divertidas, bem como um treinamento agradável e variado. A resistência é de fundamental importância nas atividades lúdicas.

- Coordenação:

A base para qualquer movimento humano é a Coordenação, servindo

para qualquer esporte e possuindo um papel muito importante junto com a força, velocidade, potência, resistência e a flexibilidade.

Barbanti (1997), diz que a coordenação pode ser expressa pela habilidade de uma pessoa realizando algum tipo de tarefa ou atividade física, como a habilidade geral e habilidade especial. A Habilidade Geral é um conjunto de movimentos rápidos e coordenados, sendo que o corpo é a base para a aprendizagem motora. Sendo assim devem ser desenvolvidos na infância, oferecendo as crianças várias oportunidades de movimentos. A habilidade específica se desenvolve com base na habilidade geral, como por exemplo: o sistema de um treino, que busca o aprendizado de uma técnica esportiva, assim necessitando de um grau de coordenação muito maior.

-Flexibilidade:

Flexibilidade é a capacidade de desenvolver movimentos articulares com grande amplitude. Ela é fundamental no treinamento de um jovem atleta, pois permite desenvolver movimentos e habilidades com facilidade, ajudando a prevenir lesões. O melhor estágio para se iniciar com o desenvolvimento da flexibilidade é o da iniciação, porque a criança ainda não possui qualquer função restrita. Quanto maior for o tempo de dedicação ao treinamento de flexibilidade durante a pré-puberdade e puberdade, menos problemas surgirão ao longo do desenvolvimento desportivo. (BOMPA, 2002).

Na visão do autor, a flexibilidade é uma estratégia para prevenir lesões, pois a maioria dos esportes envolvem movimentos repetitivos, quase sempre em uma amplitude de movimentos limitados, como corrida. Esse fato pode levar à tensão muscular e à possíveis rupturas e distensões musculares. Um programa para o aumento progressivo de flexibilidade alongará os músculos, aliviando a tensão muscular e auxiliando na prevenção de lesões. Flexibilidade significa atender as necessidades do esporte, mas também desenvolver uma reserva de flexibilidades para prevenir lesões.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste capítulo, buscaremos descrever como deveria ser trabalhado a disciplina Educação Física na escola e algumas maneiras de lecionar essa importante disciplina. Foi feito um levantamento do histórico de algumas das mais tradicionais concepções e abordagens da Educação Física. A abordagem da cultura corporal é uma concepção que deve ser parte integrante nos parâmetros da Educação Física escolar e a importância da formação docente dos profissionais que atuam na área de Educação Física.

3.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

A Educação Física Escolar, independentemente de ser desta ou daquela forma, existe na escola. Isso significa que, num dado momento histórico, além das disciplinas escolares antigas, fundadas basicamente na cultura letrada como Ciência, Literatura e Matemática, houve a inclusão de mais um componente, que teria como preocupação principal à atividade física, isto é, a cultura corporal o movimento do corpo. Ao entrar na escola, estabeleceu-se, assim como as demais áreas da cultura por ela incorporada, como componente curricular.

A expressão componente curricular é sinônimo de matéria escolar, matéria de ensino e identifica os conteúdos do currículo. É mais comum ainda, nesse sentido, no meio escolar, a utilização do termo disciplina. Entretanto, este último revela um sentido confuso, pois além de significar matéria escolar, componente curricular, tem também uma conotação de estabelecimento de regras e normas que visam disciplinar a conduta dos indivíduos, de modo que se enquadrem nos padrões exigidos pela ordem estabelecida, embora a expressão disciplina escolar seja hoje mais utilizada para designar uma determinada matéria do currículo (CAPARROZ, 2007 p. 77).

Caparroz (2007), verifica que existem posições teóricas diante da Educação Física Escolar, pois, parte da perspectiva de que a Educação Física se refere às práticas sociais diversificadas, e não é apenas exclusiva da instituição escolar. A Educação Física abrange diversas práticas sociais de lazer, educacionais, terapêuticas, entre outras. A escola educa o aluno para conviver em sociedade, então o estudante deve levar para sua comunidade os aprendizados que as aulas de Educação Física lhes proporcionaram.

Segundo Caparroz (2007), a escola não deve ser o campo restrito para a prática da Educação Física, ela deve ser praticada pelos alunos também para fora da escola, pois parte de uma ideia de que essa é a nova e moderna Educação Física, adequada aos alunos e a toda comunidade agregada à escola uma melhor qualidade de vida. O autor acima citado, destaca a Educação Física como um ato pedagógico, pois ela faz parte do currículo escolar. Assim o professor deve trabalhar a Educação Física com os educandos em sua formação como indivíduos, de maneira a adaptá-los satisfatoriamente à sua condição social, pois os educandos dependem de estímulos para desenvolver-se e realizar todas as atividades adequadamente, favorecendo o aluno para um melhor convívio com a sociedade, libertando as potencialidades dos estudantes.

Caparroz (2007), comenta que o esporte no sistema escolar é de tal tamanho, que se tem então não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. O esporte na escola, em muitos momentos o professor pedagógico vira um treinador causando em certos momentos exclusões de alunos nas aulas de Educação Física por puras condições físicas e técnicas.

Sendo assim o objetivo de educar o estudante é para que ele aprenda seus direitos e deveres, tendo compromisso na sociedade em que vive.

Nessa perspectiva, Caparroz analisa o estudo entre os profissionais da Educação Física, descrevendo que esta educação vem se modificando, pois, é justamente o professor, em sua forma de atuação com os alunos, que vai fazer toda a diferença, para uma Educação Física escolar, onde o objetivo é a formação da atitude do estudante, ajudando-o a se conhecer, a se autodisciplinar, a se relacionar com o mundo e a buscar autonomia pessoal.

A escola geralmente é o primeiro local onde o aluno vai desenvolver uma atividade física, praticar um esporte com supervisão, então não se pode negar o valor da escola em descobrir novos talentos esportivos. "Cabe ao professor detectar estes possíveis talentos e com a autorização dos pais e a concordância do estudante, providenciar seu encaminhamento para um centro de treinamento fora da escola, para aperfeiçoar seu potencial existente" (CAPARROZ, 2007, p 127).

O professor deixa de ser o centro de tudo e o estudante passa a ser o centro das atenções tendo que refletir sobre o que ele realiza desenvolvendo seu poder de criação, para tanto, não deve haver no ambiente escolar de forma nenhuma a exclusão. Teoria e prática nas aulas de Educação Física escolar têm que

ser coerentes. O aluno tem que compreender o que ele está realizando e descobrir o que é melhor para ele.

A característica principal da Educação Física é o movimento, sendo que é o movimento que a destaca das outras disciplinas, mas o simples fato de movimentar-se não caracteriza que a educação está se realizando, pois é necessário que o aluno entenda o porquê de ele estar se movimentando, qual o objetivo de movimentar-se, tanto culturalmente quanto socialmente. O aprendizado do movimento corporal desta forma colabora com a saúde física e mental do educando, além dos benefícios que estes estudantes podem propagar à sociedade pois a educação física deve ir além do espaço da escola.

De acordo com Caparroz (2007), são elementos da educação física; os jogos, a dança, o esporte, a ginástica, práticas terapêuticas e de lazer, entre outras, que o professor trabalhar no âmbito escolar, preparando o aluno para a prática social destes conteúdos. Destaca-se assim a importância da educação física da escola para a comunidade. Um dos objetivos da educação física escolar é atuar criticamente uma análise sobre o conteúdo socioeducativo dos jogos desportivos nas escolas.

A Educação Física deve ser desenvolvida com orientação, portanto o professor tem que aplicar nas suas aulas um conhecimento de tal forma que o aluno se realize, que realmente tome gosto pela prática, e principalmente que entenda o quanto à atividade física orientada é importante para a sua vida. Desta forma o aluno talvez, em algum momento, aproveite o conhecimento que recebeu nas aulas de Educação Física, que saia da escola, realizando atividades físicas na comunidade. Neste sentido, não seriam somente os melhores colocados financeiramente que realizariam exercícios físicos.

A escola tem a tarefa de desenvolver hábitos, atitudes, autonomia, valores, de uma vida saudável. Nessa linha de entendimento, é importante no ensino que o aluno desenvolva experiências de criar e resolver problemas, de inventar e praticar as atividades, sempre com a supervisão do professor, intervindo quando o mesmo achar necessário, proporcionando assim ao estudante um processo de ensino e aprendizagem.

Partindo de uma realidade social, do ponto de vista pedagógico, não existe o esporte propriamente dito, mas sim uma grande variedade de diferentes atividades esportivas, que surgem de diferentes formas e têm a intenção de preparar

o aluno para ser um cidadão responsável.

A concepção de Educação Física que deveria estar sendo desenvolvida na escola encarregar-se-ia, principalmente, da formação da atitude do educando, ajudando-o a se conhecer, a se dominar, a se relacionar com o mundo e a buscar sua autonomia pessoal, complementando o processo de educação geral por meios de atividades físicas (CAPARROZ, 2007, p. 129).

O autor citado, salienta que a Educação Física ao longo dos tempos, depois de muitos esforços, estudo entre os profissionais da área, vem se modificando.

Segundo Caparroz a escola é na maioria das vezes, o primeiro local onde o aluno vai desenvolver uma atividade física, praticar um esporte com supervisão, então não se pode negar o valor da escola em descobrir novos talentos esportivos. Cabe ao professor detectar estes possíveis talentos e com a autorização dos pais e a concordância do estudante, providenciar seu encaminhamento para um centro de treinamento fora da escola, com intuito de aperfeiçoar seu potencial existente.

Para que se possa compreender a ação da educação física escolar, é necessário um breve olhar para algumas Fases históricas presentes da Educação Física brasileira.

3.2 FASES HISTÓRICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Educação Física Higienista: a saúde é o alvo principal e tem como foco a formação de homens e mulheres fortes e sadios. Na visão higienista o indivíduo pode adquirir uma boa saúde pela prática de atividade física. A Educação Física funciona como agente de saneamento público para uma sociedade livre de doenças e vícios.

Educação Física Esportivizada tem o objetivo de caracterizar a competição e a superação individual, conforme os valores desejados pela maioria da sociedade moderna. Produzir o atleta-herói, o campeão olímpico, mas, trabalhando desta forma a concepção competitivista reduz a Educação Física Escolar ao desporto de alto rendimento, o esporte espetáculo, onde geralmente somente o “melhor” tem vez.

Educação Física Militarista: visa impor a sociedade por meios de métodos fortes, os quais os jovens devem suportar o combate, a luta. Seleciona os mais

aptos fisicamente para exercer as atividades sociais e profissionais. Cria-se uma “seleção natural”, eliminando os fracos e premiando os fortes, havendo uma promoção para o aluno de coragem, vitalidade, heroísmo e uma disciplina rígida(BRACHT, 1999).

Educação Física Pedagogista: para reatar o valor educativo de ensinamentos aos alunos, visto que a Educação Física Militarista não visava à inclusão de todos e sim apenas incluía os mais preparados fisicamente. A Educação Física Pedagogista não almeja apenas promover saúde ou disciplinar rigorosamente a juventude, e sim visa à educação do movimento para promover a educação integral. Levar os jovens a aceitar as regras do convívio democrático, estimular o nacionalismo, entre outras formas de educar um aluno, é de fato a Educação Física Escolar encarada como utilidade social acima da política e interesses de grupos ou classes sociais.

Educação Física Popular: privilegiara o lúdico, a solidariedade, a organização e a mobilização dos trabalhadores na construção de uma sociedade mais democrática, batalhadora e inclusiva. Após a Educação Física Popular houve uma crise de identidade na área de Educação Física onde surgiram Abordagens da Educação Física, isto nos anos 80, assim nascendo uma Identidade para esta disciplina.

A abordagem Construtivista-Interacionista, a intenção é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, respeitando o universo cultural do aluno, explorando as diversas possibilidades educativas de atividades lúdicas espontâneas, propondo tarefas cada vez mais complexas e desafiadoras com vistas à construção do conhecimento. Além de valorizar as experiências e a cultura dos alunos, a proposta construtivista tem o mérito de propor alternativas aos métodos diretivos, alicerçados na prática da educação física. Nesta proposta, o jogo é privilegiado como sendo ‘um instrumento pedagógico’ ou seja, o principal modo/meio de ensinar, logo enquanto a criança brinca, ela aprende, defende que este momento ocorra em um ambiente lúdico e prazeroso. Freire (1992), enfatiza que:

o fundamental é que todas as situações de ensino sejam interessantes para a criança, e que corpo e mente devem ser entendido como componentes que integram um único organismo, ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar (p.13)

A Abordagem Psicomotricista, utiliza-se da atividade lúdica como impulsionadora dos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Trata das aprendizagens significativas, espontâneas e exploratórias da criança e de suas relações interpessoais. Focaliza-se na criança em fase pré-escolar, destacando sua pré-história como fator de adoção de estratégias pedagógicas e de planejamento. Busca analisar e interpretar o jogo infantil e seus significados. Aproxima a história da Psicomotricidade à da educação física.

Tem na Psicomotricidade seus objetivos funcionais, onde os mecanismos de regulação entre o sujeito e seu meio permitem o jogo da adaptação que implica nos processos de: assimilação e acomodação. Onde a assimilação, é a transformação das estruturas próprias em função das variáveis do meio exterior (Le Boulch, 1982, p.28).

A Abordagem Crítico-Superadora, embasa-se no discurso da justiça social no contexto da sua prática. Busca levantar questões de poder, interesse e contestação, faz uma leitura dos dados da realidade à luz da crítica social dos conteúdos.

Conforme o Coletivo de Autores (1992), ela pode ser tida como uma reflexão pedagógica e desempenha um papel político-pedagógico, pois encaminha propostas de intervenção e possibilita reflexões sobre a realidade dos homens. A educação física é entendida como sendo uma disciplina que trata do jogo, da ginástica, do esporte, da capoeira, da dança e como sendo um conhecimento da cultura corporal de movimento. Busca entender com profundidade o ensinar, onde não significa apenas transferir ou repetir conhecimentos mas criar as possibilidades de sua produção crítica, sobre a assimilação destes conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico.

A Abordagem Desenvolvimentista: tem como meio e fim principal da Educação Física o movimento, orienta-se especialmente as crianças de quatro a quatorze anos, e busca nos processos de aprendizagem e desenvolvimento uma fundamentação para a educação física escolar. É uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social, na aprendizagem motora, buscando em função destas características, sugerir elementos para a estruturação da educação física escolar.

Procura privilegiar a aprendizagem do movimento embora possa estar

ocorrendo outras aprendizagens decorrentes da prática das habilidades motoras. Preconiza para a educação física, que seja proporcionado ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido através da interação do aumento da diversidade e da complexidade de movimentos, oferecendo experiências de movimento adequadas ao seu estágio de crescimento e desenvolvimento para que as habilidades motoras sejam alcançadas.

Na Abordagem Sistêmica, sua essência reside no entendimento de que é um sistema aberto onde sofre e interage influenciando a sociedade. Procura na definição de vivência corporal o movimento de introduzir o aluno nos conteúdos oferecidos na escola, oportunizando a experiência da cultura de movimentos.

Alicerça-se nos princípios da não exclusão e da diversidade de atividades, propondo à educação física a valorização de uma maior diversidade de vivências esportivas, atividades rítmicas e de expressão. Considera o binômio corpo/movimento como meio e fim da educação física escolar, sendo o alcance deste fim através da finalidade da educação física. No contexto escolar conforme Betti (1992):

Integrar e introduzir o aluno de primeiro e segundo grau no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica,. [...] (p.285).

3.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO FUNDAMENTAL

Embora nas aulas de Educação Física os aspectos corporais sejam mais evidentes, mais facilmente observáveis, e a aprendizagem esteja vinculada à experiência prática, o aluno precisa ser considerado como um todo no qual aspectos cognitivos, afetivos e corporais estão inter-relacionados em todas as situações. (BRASIL, 1997)

A Educação Física Escolar, por ser parte do conhecimento historicamente produzido, acumulado e transmitido às novas gerações, deve reunir o que for mais significativo ligado ao movimento humano, para ser vivida, compreendida e, via reelaboração, contribuir na formação do cidadão. Este componente curricular, portanto, é um direito de todos que passarem pela escola. A partir deste entendimento, alguns fatores devem ser melhor considerados para consubstanciar tal intenção de formação, através da ação pedagógica (SANTA CATARINA, 1998, p.219)

A Proposta Curricular de Santa Catarina orienta que a postura do

professor, frente aos conteúdos e métodos da Educação Física, deve ser a de um pesquisador incansável, com profundo conhecimento específico e uma visão de totalidade. É nesta visão de totalidade que se deve situar a especificidade dos conteúdos da Educação Física, que além de ter um fim motivacional específico e um significado próprio, deverá constituir-se num meio, para que o aluno se produza, no coletivo, enquanto cidadão. Desta forma, a aula de Educação Física passa a ser um espaço mais criativo, tanto para os alunos como para os professores.

O ensinar/aprender deste componente curricular, de acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina, deverá estar centrado numa práxis transformadora, buscando a autonomia de um ser em movimento, tendo, desta forma, como objeto de estudo, o próprio movimento humano, o qual permeará todos os saberes da Educação física.

É no confronto entre os seres humanos das diferentes classes sociais e suas relações de produção que a cultura de movimento vai sendo produzida, marcada pelas ideologias nela presentes. Esta sociedade de relação e sua cultura determinam nos indivíduos sua maneira de sentir, pensar e agir – sua totalidade existencial. A escola é reconhecidamente a instituição que promove, de forma sistematizada, a socialização deste processo.

Não basta a repetição de gestos estereotipados, com vistas a automatizá-los e reproduzi-los. É necessário que o aluno se aproprie do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento e construa uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual (BRASIL, 1997).

O processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, portanto, não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada (BRASIL, 1997).

Trata-se de compreender como o indivíduo utiliza suas habilidades e estilos pessoais dentro de linguagens e contextos sociais, pois um mesmo gesto adquire significados diferentes conforme a intenção de quem o realiza e a situação em que isso ocorre. Por exemplo, o chutar é diferente no futebol, na capoeira, na dança e na defesa pessoal, na medida em que é utilizado com intenções diferenciadas e em contextos específicos, é dentro deles que a habilidade de chutar deve ser apreendida e exercitada.

É necessário que o indivíduo conheça a natureza e as características de cada situação de ação corporal, como são socialmente construídas e valorizadas, para que possa organizar e utilizar sua motricidade na expressão de sentimentos e emoções de forma adequada e significativa. Dentro de uma mesma linguagem corporal, um jogo desportivo, por exemplo, é necessário saber discernir o caráter mais competitivo ou recreativo de cada situação, conhecer o seu histórico, compreender minimamente regras e estratégias e saber adaptá-las, por isso, é fundamental a participação em atividades de caráter recreativo, cooperativo, competitivo, entre outros, para aprender a diferenciá-las (BRASIL, 1997).

Aprender a movimentar-se implica planejar, experimentar, avaliar, optar entre alternativas, coordenar ações do corpo com objetos no tempo e no espaço, interagir com outras pessoas, enfim, uma série de procedimentos cognitivos que devem ser favorecidos e considerados no processo de ensino e aprendizagem na área de Educação Física. E embora a ação e a compreensão sejam um processo indissociável, em muitos casos, a ação se processa em frações de segundo, parecendo imperceptível, ao próprio sujeito, que houve processamento mental. É fundamental que as situações de ensino e aprendizagem incluam instrumentos de registro, reflexão e discussão sobre as experiências corporais, estratégicas e grupais que as práticas da cultura corporal oferecem ao aluno. (BRASIL, 1997)

Cabe dizer que o educador de Educação Física, comprometido com o aluno e, conseqüentemente, com a transformação social, deverá fazer um esporte planejado, crítico, com inúmeras formas de movimento e organização, transformando-se em uma ação pedagógica participativa.

A Proposta Curricular do Estado não pretende eliminar o esporte da escola, mas transformá-lo numa prática educativa, conscientizando os alunos das relações que existem entre o esporte e os fenômenos sociais, portanto contextualizando-o, problematizando-o, superando, desta maneira, os fatores que ainda hoje permeiam a prática pedagógica: o rendimento, a competitividade, a discriminação, a exclusão, para uma ação mais condizente com o ambiente escolar, que emancipe o homem e seja um dos sustentáculos de transformação da sociedade. Para melhor compreender as formas de se movimentar é importante que conheçamos o desenvolvimento do adolescente, suas transformações e desenvolvimento entre a infância e a juventude.

4 O DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE

Neste capítulo, vamos descrever as fase de desenvolvimento do adolescente, as mudanças em meninos e meninas, e as formas de inclusão fazendo com que todos os alunos se sintam bem em participar das aulas de Educação Física.

De acordo com Barbanti (2005), a maioria das culturas considera a adolescência como uma época de preparo para os privilégios e as responsabilidades da idade adulta.

Segundo Zagury (1996), a adolescência caracteriza-se por ser uma fase de passagem entre a infância e a juventude, onde a criança torna-se um adulto.

Durante este período espera-se que os jovens se tornem independentes dos pais, escolham uma vocação e para ela se preparem, e ajustem convenientemente à sua maturidade sexual. A adolescência se caracteriza por crescimento e desenvolvimento intensos, manifestados por inúmeras transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas, emocionais e sociais.

Para Barbanti (2005), a adolescência refere-se ao período dos dez aos vinte anos de idade. Neste período começam as mudanças físicas relacionadas ao maior marco no desenvolvimento humano: a puberdade, é este o período no qual a pessoa começa a se tornar capaz de se reproduzir sexualmente.

Paralelamente ao desenvolvimento físico interno e externo, ocorrem modificações também ao nível social. O grupo de amigos tende a aumentar em importância (para desespero de muitos pais) e a tendência á imitação acentua-se novamente (a mídia aproveita muito bem essas tendências de idade...) Assim, a forma de vestir, de falar, de agir, e ate mesmo os gostos tende s ser influenciados pelo grupo (ZAGURY, 1996. p 25).

Conforme Guyton (2002), a puberdade marca o final da infância e o início da adolescência, e junto com ela aparecem às primeiras transformações fisiológicas no organismo do jovem, chamado de desenvolvimento puberal com certas diferenças entre meninas e meninos como se poderá ver a seguir:

Nas meninas ocorrem o aumento das mamas, a cintura afina, enquanto alarga os quadris aparecem os pelos pubianos, nas axilas, estirão de crescimento máximo e primeira menstruação.

Nos meninos fica evidente o crescimento dos testículos e do pênis,

crescimento de pêlos na região pubiana, nas axilas e o crescimento da barba, mudança de voz e estirão de crescimento rápido.

De acordo com Galimard (1983), a puberdade não tem data definida, mas compreende de 9 (nove) a 12 (doze) anos, a partir daí inicia-se a adolescência. Fato relevante entre os sexos é que geralmente as meninas atingem esta fase primeiro que os meninos. Ou seja, no sexo feminino as mudanças fisiológicas acontecem um pouco mais cedo, numa idade de 10 (dez) anos. E no sexo masculino as mudanças fisiológicas, numa idade de 11 (onze) a 12 (doze) anos de idade. Exatamente por isso que muitas meninas na faixa entre 10 (dez) e 11 (onze) anos, muitas vezes são mais altas e até mais fortes que muitos meninos.

Um pouco mais adiante na fase destes jovens os meninos se tornam geralmente maiores e mais fortes que as meninas. Na citação abaixo encontraremos a resposta:

As concentrações de testosterona em meninos e meninas quase não diferem até o início da puberdade. A partir dela, a taxa de testosterona aumenta aproximadamente dez vezes nos meninos, enquanto nas meninas o aumento é mínimo. Isso provoca acentuadas alterações na massa muscular e, conseqüentemente, na força muscular (BARBANTI, 2005, p. 55).

Para Zagury (1996), o crescimento estatural pode se prolongar, em ambos os sexos, até os dezenove, vinte anos, ou mesmo, em alguns casos, até os 21 anos. Mas torna-se mais lento: um ou poucos centímetros a cada ano, ao contrário da fase da puberdade, em que o crescimento é muito visível. As mães costumam dizer que os filhos dormem de um tamanho e acordam de outro, sendo que elas não estão muito longe da verdade (sabe-se hoje que o hormônio do crescimento é secretado principalmente á noite).

Segundo Barbanti (1986), a adolescência, em sua primeira fase, é denominada primeira fase puberal apresentando grande aumento de estatura e peso, fazendo diminuir as proporções peso-força, causando geralmente redução das capacidades coordenativas.

Para o autor acima os jovens, nesta fase, têm muitos problemas de coordenação, que transitoriamente causam problemas para executar certas habilidades motoras, e a precisão no controle do movimento deixa a desejar.

Na adolescência, os movimentos exagerados são típicos, também neste

período estabiliza-se a rapidez de movimento, e o aumento da velocidade depende, sobretudo, do desenvolvimento da potência muscular de cada indivíduo.

Apolo (2007), enfatiza que é preciso reconhecer que a adolescência é o estágio de desenvolvimento em que o jovem se especializa em um determinado esporte. O professor de Educação Física tem um papel importante neste processo, pois o educador é dotado de conhecimentos científicos em relação aos adolescentes em seu processo de desenvolvimento corporal e social. Podendo assim, conversar, apoiar, conscientizar os jovens com possíveis talentos esportivos que frequentam as escolas, para os mesmos ingressarem em clubes de treinamentos de acordo com a modalidade esportiva desenvolvida pelo aluno.

Conforme Apolo (2007), a partir dos 12 (doze) anos de vida o adolescente passa a ter um desenvolvimento emocional e intelectual, e pelo amadurecimento harmonioso da parte física. Em toda esta fase de vida do adolescente, a atividade recreativa elimina inaptidões, e a prática mais competitiva desenvolve mais aptidões físicas.

Desta forma o autor defende que a Psicologia, na sua tão grande complexidade, tem papel determinante na formação de crianças e adolescentes que deveria ter por lei, psicólogos atuando também em clubes e escolas, para junto com os professores e pais, nortear as crianças e principalmente os adolescentes, que com certeza atravessam a fase mais enigmática da vida, cheia de dúvidas e curiosidades de conhecer a si próprio e a tudo que os cercam.

Conforme Lesourd (2004), a adolescência é o lugar onde se cruzam as questões éticas de uma sociedade sobre o futuro, a moral e a ética de vida. A rejeição sofrida pelos jovens, no desemprego maciço que os atinge, o fracasso escolar de muitos deles e a rejeição, são fatores podem ser vistos e analisados como uma inadaptação nova dos próprios jovens ou como uma recusa dos adultos a desenvolverem valores, ou pior, por serem incapazes. Atribui-se este pensar pelo fato deste adulto na sua concepção psicológica ainda ser um adolescente, resultado da educação familiar e da extensão da escola onde ele estudou.

Para Kunz (2006), o ensino da Educação Física deve contribuir para que as meninas e meninos, por meio do movimento, possam obter orientações mais seguras para encontrar mais facilmente sua feminilidade ou sua masculinidade e desenvolverem suas respectivas qualidades.

Para o mesmo autor, as opressões relativas à identidade sexual para

ambos os sexos, deveriam ser sempre levadas em consideração nas temáticas das aulas de Educação Física, quando se vinculam a algumas capacidades que, que embora desejáveis, são desnecessárias, por limitarem atividades alternativas que objetivam muito mais a melhorar a qualidade de vida.

Segundo Kunz (2006), no esporte das meninas devem ser promovidas e apropriadas oportunidades nas quais as alunas possam descobrir sua força, antes escondidas, pois é esse tipo de trabalho que deve ser desenvolvido nas aulas de Educação Física, com o comprometimento pelo feminino, para que seja possível, pelo menos para a maioria, uma motivação particular para participar plenamente das ofertas de movimento na aula.

Na concepção de Kunz (2006), para os meninos, graças as vantagens adquiridas pela superioridade corporal no esporte, eles já estavam recebendo o suficiente para o desenvolvimento de sua personalidade, sendo que eles apresentam muitos problemas em seu papel sexual no esporte e que, pela prescrição muito rígida com relação a isso, podem, inclusive, mostrar limitações enormes nas próprias possibilidades de desenvolvimento individual.

4.2 A INCLUSÃO E A EXCLUSÃO

A inclusão é a garantia de respeito e incorporação das identidades sociais, culturais, afetivas, éticas, de gênero e físicas de todos os envolvidos, através de um processo de diálogo e aprendizagem e da construção de novas formas de trabalhar. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI, 1997, p. 3).

Exclusão refere-se a dificuldades ou problemas sociais que levam ao isolamento e até à discriminação de um determinado grupo de uma determinada sociedade. Estes grupos excluídos, ou que sofrem de exclusão, precisam assim de uma estratégia ou política de inserção de modo a que se possam integrar e ser aceitos pela sociedade que os rodeia (FACCI, 2011).

Segundo Moreira (2004), a idéia é que, o principio de inclusão não deve desconsiderar as dificuldades dos alunos, (como não gosta das aulas de Educação Física), mas sim fazer com que todos sejam importantes na aula e principalmente

que se sintam bem, pois as desculpas entre os jovens para não participarem as aulas de Educação Física são inúmeras: existem meninas que não participam da aula porque vem de salto para a escola; alguns meninos que se julgam incapazes de executar as propostas de atividades; outros por se acharem fora do peso ideal; outros dizem estarem cansados para a aula de Educação Física, entre outros motivos.

Dentro da proposta de Educação Física de Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo, existem a perspectiva de possibilitar que as praticas se adaptem às condições do aluno, de forma a poder trazer para suas aulas reflexões importantes e que poderão gerar experiências significativas dentro do cotidiano escolar, onde os alunos possam se ajudar e entender a sua importância no grupo.(MOREIRA, 2004, p. 22)

Para que todos se sintam capazes o professor de Educação Física deve levar novas experiências para a turma, como uma aula de Atletismo, onde o professor pode inovar e reinventar atividades. Sendo que será uma prática em que o professor aproveitará as características individuais de cada aluno, sem privilegiar um ou outro, mas sim fazer com que os mesmas se completem, demonstrando ao grupo que todos são importantes, independente de suas habilidades ou capacidades físicas.

Uma prática de inclusão possibilitará um sentimento de respeito, cooperação, solidariedade, valores esses, tão esquecidos em nosso meio social, mas que poderão ganhar novo alento, se desde a escola puder ser vivenciado (MOREIRA, 2004, p. 24).

Segundo Mantoan (2007), a palavra inclusão vem sendo muito colocada e usada atualmente, em todos os sentidos, principalmente na educação. Existem discussões dos educadores quanto ao termo e significado da palavra inclusão, pois o desafio está nos projetos colocados em teoria e que deverão passar para a prática, no qual todos os seres humanos devem usufruir dos mesmos direitos

Para Mittler (2003), a exclusão começa muito cedo, muito antes do bebê nascer. A exclusão tem raízes na pobreza, na moradia inadequada, nas doenças crônicas e no longo período de desemprego dos pais, pois são negados às crianças nascidas na pobreza os recursos e as oportunidades disponíveis para as outras crianças. Algumas delas enfrentam obstáculos adicionais por causa do seu gênero, da sua raça, da sua religião ou por conta da sua deficiência.

Para o mesmo autor, embora a maioria das crianças cresça em família amorosa, que se preocupam, que desejam realmente uma vida melhor para elas, muitas crianças que vivem na pobreza começam e terminam sua infância em condições de exclusão e de baixa performance educacional e continuam experimentando o desemprego, a pobreza e a doença ao longo de suas vidas como adultos, o desafio para a nossa sociedade é afrouxar e romper a força de pobreza que estrangula o desenvolvimento de nossas crianças.

5 O ATLETISMO E A CONCEPÇÃO CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA.

A abordagem crítico-emancipatória foi posta em discussão no Brasil por Kunz no ano de 1991, por ocasião da publicação do seu livro “Ensino e Mudanças”.

Para Kunz (1994), o atletismo dentro da teoria crítico-emancipatória busca estimular o lado observador e contestador do aluno, fazer com que ele se torne um cidadão crítico, de olhar mais crítico, que saiba analisar o que está certo e errado dentro de um contexto na sociedade e realidade em que ele vive, para que posteriormente possa auxiliar a tornar essa sociedade melhor e mais justa.

Pensando nisso o atletismo propõem formar indivíduos críticos e autônomos para transformação (ou não) da realidade em que estão inseridos, fazendo com que o aluno se torne crítico, conseguindo entender os objetivos propostos, fazendo uma auto avaliação onde utilizam os conhecimentos adquiridos durante a sua vida social na ajuda em soluções mais eficientes na realização de atividades previstas.

Conforme Kunz (1994), a emancipação deve se implantada na escola como tarefa fundamental da educação, através das diversas modalidades do esporte como Atletismo, Basquete e outros. Sendo assim, o aluno terá seus conteúdos de forma especial a partir de graus de dificuldades “transcendência de limites”, sempre confrontando com a realidade que se tem (KUNZ, 1994).

A abordagem crítico-emancipatória propõe que o atletismo seja ensinado através de estratégias didáticas em três etapas no processo pedagógico, são elas, a experimentação, aprendizagem e criação.

Dessa forma para Kunz (1994), a constituição de um processo de ensino, com os conteúdos, os métodos e os objetivos do ensino, apresentam-se as categorias: objetiva (trabalho), social (interação) e comunicativa (linguagem), que formam a mediação de conteúdos entre os alunos enquanto sujeitos em desenvolvimento à realidade do mundo. Kunz (1994), diz que na prática do atletismo, junto a essa teoria, precisa estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela fundamentará a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir da educação.

Na concepção de Kunz (1994), o esclarecimento é a forma de saída, para os homens que tem menor grau de inteligência, com falta de poder ou de capacidade para agir racionalmente sem o auxílio de ninguém ou orientação de

alguém.

Emancipação e esclarecimento, segundo a síntese de Geuss, se referem a uma transição social de um estado inicial a um estado final. (KUNZ, 1994).

Aqui o autor esclarece que a emancipação acontece com a pessoa a partir do momento em que ela toma conhecimento e consciência de um novo aprendizado, superando valores ultrapassados e vivenciando outras formas de viver.

Para Kunz (1994), um exemplo é o atletismo, que é um dos modelos que todos querem seguir. O estado inicial é essa falsa consciência de que o modelo de alto rendimento é o ideal para a prática de esportes para todos. A alienação às suas exigências técnicas e físicas, cada vez menos adequadas para sua prática, torna-se uma “coerção auto imposta” e pelas limitadas possibilidades alternativas e criativas propicia uma “existência sem liberdade” no mundo esportivo. Os profissionais da Educação Física não percebem o poder dessa falsa consciência e o utilizam para o ensino, talvez até pela influência que o poder da mídia possui.

Para fugir disso, a maneira ideal é através da reflexão, pois dessa forma pode-se perceber que sua forma de consciência é falsa e que a coerção sofrida é auto imposta. Ao induzir a autorreflexão, a pedagogia crítico-emancipatória deverá oportunizar aos alunos perceberem a coerção auto imposta de que padecem, e com isso remover o poder dessa coerção, tendo assim, junto a prática do atletismo a liberdade e conhecimento de seus interesses, ou seja, esclarecimento e emancipação. (KUNZ, 1994)

Nesse prisma Kunz (1994), afirma que dentro do atletismo escolar, ao invés de ensinar simplesmente, desenvolvendo técnicas e habilidades, deverão ser incluídos conteúdos que permitam aos alunos melhor organizar sua realidade do esporte, movimentos de acordo com suas necessidades.

Dentro da competência comunicativa do atletismo, deve-se lembrar que a linguagem verbal é apenas uma das formas de comunicação do ser humano. As crianças comunicam-se principalmente muito pelo movimentar, linguagem de movimento. O desenvolvimento da competência comunicativa exerce um papel trivial na pedagogia crítico-emancipatória, mas, não deve ser concentrada somente nos movimentos, mas acima de tudo entendê-los, e principalmente a linguagem verbal deve ser desenvolvida (KUNZ, 1994).

O autor citado afirma que a linguagem do atletismo é um bom exemplo na Educação Física escolar, pois, esta linguagem não é apenas por meio dos

movimentos mais sim pela própria fala sobre as experiências e os entendimentos do mundo dos esportes.

Para Kunz (1994), o uso da linguagem no processo de ensino do atletismo deve ser orientado para que o aluno aprenda a passar do nível de “fala comum” sobre fatos, fenômenos e objetos, para o nível de discurso.

Relata ainda, que dentro da competência objetiva do atletismo, o importante é que o aluno receba conhecimentos e informações, treine destrezas e técnicas racionais e eficientes, se qualifique para atuar dentro de suas possibilidades individuais e coletivas e agir de forma bem-sucedida no mundo do trabalho, na profissão, no tempo livre e no esporte.

Enquanto competência social, o aluno deve adquirir conteúdos para entender as relações socioculturais do contexto em que está inserido. Além disso, o Atletismo deve fazer com que ocorra socialização com todos da turma, sem exclusões, daí a ideia de que as aulas de atletismo deveriam ser coeducativas, sem discriminação alguma, seja ela de caráter social, racial, ou no caso, sexual.

Como pode se ver, uma aula onde se reúnem meninos e meninas torna-se uma aula construtiva, podendo assim serem solidários e cooperativos uns com os outros entendendo a compreensão e respeitando as diferenças por meio da competência social (KUNZ, 1994).

Trata-se da interação social que acontece em todo processo coletivo de ensinar e aprender o Atletismo, mas que deve ser tematizada enquanto objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa. (KUNZ, 1994).

Com inúmeras informações, torna-se evidente que nas aulas de atletismo escolar, o professor deve trabalhar de várias formas, brincando e interagindo com todos, visando sempre o ensino e a aprendizagem do aluno. O professor deve inovar na experimentação, aprendizagem e na criação, mantendo a interação, a comunicação e o conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo concluímos que é impossível, atualmente, negar aos alunos, nas aulas de Educação Física, o aprendizado de esportes. Mais do que isso, devemos aceitar que este é um fenômeno da cultura corporal de movimento e trabalhar adequadamente com ele. Falta, portanto, construir uma nova forma didática de utilização dos esportes na escola que consiga delegar a este fenômeno a tão almejada educação por meio do esporte.

Em resumo, a nossa evolução no esporte e especialmente na modalidade de atletismo depende de um trabalho bem elaborado dos profissionais diretamente envolvidos com as categorias iniciantes. Faz-se necessário, que os profissionais que se dedicam ao trabalho com o atletismo sejam incentivados, tanto aqueles que trabalham em clubes, escolinhas e principalmente no âmbito escolar. As evidências apontam para casos de sucesso quando há envolvimento da comunidade escolar, resultando em melhora na qualidade de ensino, em mais interesse e aumento do número de praticantes desta modalidade esportiva.

Espera-se que cada vez mais, os professores, se estimulem e se encorajem a usar novas metodologias em suas aulas como ferramenta principal no processo de ensino-aprendizagem, permitindo que seus alunos vivenciem novas experiências educacionais com o atletismo. Para contribuir na Educação Física da escola, onde o professor deixa de ser o centro de tudo e o estudante passa a ser o centro das atenções, é necessário refletir sobre o que ele realiza desenvolvendo seu poder de criação. Para tanto, não deve haver no ambiente escolar nenhuma forma de exclusão, onde a teoria e prática nas aulas de educação física escolar têm que ser coerentes. O aluno tem que compreender o que ele está realizando e descobrir o que é melhor para ele.

Como o atletismo que é um conteúdo essencial a ser trabalhado nas aulas de Educação Física. Acredita-se que, incentivando o trabalho com atletismo e pensando na diversificação das atividades para o seu ensino e no seu valor instrumental, que nos ajuda a fazer um mergulho mais atraente nas relações ensino-aprendizagem, estaremos dando sustentação ao que acreditamos ser possível, que é a transformação da prática do atletismo nas aulas de Educação Física Escolar.

Se o homem é um ser que se expressa pelo movimento, a Educação Física, enquanto espaço pedagógico, não pode ignorar esta característica própria do

ser humano, utilizando, de forma articulada e organizada, propostas de movimentos com múltiplas intencionalidades.

Nessa linha de entendimento, acredita-se que através da prática do atletismo junto a proposta crítico-emancipatória como uma proposta pedagógica eficiente é capaz de proporcionar aos alunos a possibilidade de atingir um desenvolvimento de valores sociais, melhora das capacidades físicas e motoras, integração social, além de afastar a criança e o adolescente das drogas, prostituição, criminalidade e outros riscos sociais provenientes do meio em que eles vivem.

Nesse estudo descrevemos as várias abordagens da Educação Física, aprofundando os conhecimentos em relação à concepção crítico-emancipatória, voltada para a formação da cidadania. Nessa linha de entendimento, percebemos que o atletismo é um esporte que envolve política, cultura e costumes.

Concluimos afirmando que o papel do professor de Educação Física é fundamental no desenvolvimento de uma proposta pedagógica em relação ao atletismo nas séries finais do ensino fundamental. Procuramos reconhecer que o atletismo desenvolvido pela escola proporciona a inclusão dos estudantes no meio social.

Nesse pensamento, ficou evidente que a inclusão dos adolescentes na prática do atletismo, contribui para minimizar a exclusão social e encaminhar os jovens para o desenvolvimento da cidadania.

Os objetivos desse estudo foram alcançados, pois enriqueceram os meus conhecimentos e abriram caminhos para que eu possa continuar pesquisando essa temática e melhorando minha prática pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: referências. Rio de Janeiro, 2002.
- BARBANTI, Valdir J. **Treinamento Físico Bases Científicas**. 3 ed. São Paulo Edusp 1986.
- BARBANTI, Valdir J. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. 2 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997. 214 p.
- BARBANTI, Valdir J. **Formação de esportistas**. Barueri, SP: Manole, 2005. 186 p. ISBN 8520423116
- BETTI, M. (1992). Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para que? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 13 (2): 282-287.
- _____. (1992). Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Maringá, vol. 13, n. 2, pp. 282-287.
- _____. (1994). Valores e finalidades na Educação Física Escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 16 (1): 14-21.
- BOMPA, Tudor O. **Treinamento total para jovens campeões**. São Paulo: Manole, 2002. 248 p.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1999
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.
- CAPARROZ, Francisco E. . **Entre a educação física na escola e a educação física da escola: a educação física como componente curricular**. 3. ed Campinas, SP: Autores Associados, 2007. 189 p. ISBN 9788574961576 (broch.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo. Cortez, 1992
- COLLI, Eduardo. **Universo olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas**/Eduardo Colli. – São Paulo: Códex, 2004.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Atletismo: regras oficiais 2003**. 2.ed. Ver. São Paulo: Phorte, 2003. 212p.
- DARIDO, S. C. (1998). Apresentação e análise das principais abordagens da

Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 20 (1): 58-66.

DEMO, Pedro. **Charme da exclusão social**. Campinas: Autores Associados, 1998

FACCI, Marilda Gonçalves Dias; MEIRA, Marisa Eugênia Melillo; TULESKI, Silvana Calvo (Org.) (). **A exclusão dos "incluídos"**: uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos. Maringá, PR: EDUEM, 2011. 376 p. ISBN 9788576283836 (brouch.)

FERRAZ, Osvaldo Luiz. Desenvolvimento do Padrão Fundamental de Movimento Correr em Crianças: Um Estudo Semi-longitudinal. **Revista Paulista**, Educação Física São Paulo. v.6. n. 1. p. 26-28, jan/jun, 1992.

GALIMARD, Pierre. **A criança de 11 a 15 anos** transformações, conflitos e descobertas da adolescência. 4 ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983. 115 p.

GALVAO, Z.. Educação Física Escolar: A prática do Bom Professor. In: **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Barueri: N.º 1, 2002, p. 65 - 72 .

GUYTON, Arthur C.; HALL, John E. **Tratado de fisiologia médica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 973 p. ISBN 8527707136

FREIRE, J. B. S. **Educação Física de corpo inteiro**. Teoria e prática da Educação Física. Campinas: Scipione, 1992.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Trad. Sonnhilde van der Heide. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1996.

KUNZ, Elenor; TREBELS, Andreas H. **Educação física: crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2006. 204 p. ISBN 8574295124 (broch.)

LE BOULCH, J. (1992). **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas.

LESOURD, Serge. **A construção adolescente no laço social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 286 p. (Psicanálise e educação) ISBN 8532629342

MACHADO, A. A.. **Psicologia do Esporte: Temas Emergentes I**. Jundiaí: Ápice, 1995.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. . **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2007. 64p. ISBN 8516052680 (broch.)

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Atletismo se aprende na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2005. 128 p. ISBN 8587114247

- MITTLER, Peter J. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 264 p. (Biblioteca Artmed) ISBN 8573079606
- MOREIRA, Evando Carlos. **Educação física escolar: desafios e propostas**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2004. 122 p. ISBN 8587114190
- MOREIRA, Evandro Carlos, **Educação Física Escolar: desafios e propostas**. São Paulo: Cortez, 2006.
- NAHAS, M. V. (1989). **Atividade Física, Aptidão Física & Saúde**. Florianópolis/SC: Material Didático.
- OLIVEIRA, V. M. (1985). **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- RAUEN, Fábio José. **Elementos de iniciação à pesquisa: inclui orientações para a referencição de documentos eletrônicos**. Rio do Sul: Nova Era, 1999.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares**. - - Florianópolis: COGEN, 1998. 244 p.
- SASSAKI, Romeu Kazumi, **Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos**. WVA Editora e Distribuidora Ltda. Av. Rio Branco 185 - salas 2103 e 2104 20040-007 Rio de Janeiro RJ 1997.
- SALOMON, Décio. V. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Fontes, 1996.
- SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual.– Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.
- SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI Filho, L.; ESCOBAR, M. O; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOUZA Júnior, M. **O saber e o fazer pedagógicos: a Educação Física como componente curricular...? isso é história?**. Recife: EDUPE, 1999.
- TANI, G. (1998). Educação Física Escolar no Brasil: seu desenvolvimento, problemas e propostas. **In: Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte**. Santa Maria: UFSM, 1992, p 120-127.
- THOMPSON M.Sc, Peter. **Introdução à Teoria do Treino**. The International Amateur Athletic Federation, 1991
- TIBA, Içami, **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.
- WINNICK, Joseph P.; SHORT, Francis Xavier,. **Testes de aptidão física para**

jovens com necessidades especiais: manual Brockport de testes. São Paulo: Manole, 2001. 170 p. ISBN 8520411681

ZAGURI, T. **Limites sem trauma: construindo cidadãos.** 30^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.